

1. Sola Scriptura: O Resgate da Bíblia na Igreja e a Transformação pela Palavra (Rm. 1:17; 2 Cr. 34)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 24/11/2025 20:06

O Fundamento da Reforma: A Supremacia das Escrituras e a Justificação pela Fé

A base teológica que sustenta a estrutura da fé cristã reformada encontra-se profundamente enraizada na compreensão da autoridade bíblica e na justificação pela fé. O texto de Romanos 1:17 serve como a pedra angular para este entendimento, declarando que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé.

"Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé." (Romanos 1:17)

Este versículo não apenas resume a soteriologia protestante, mas também estabelece o tom para o estudo dos "Cinco Solas" — os cinco pilares essenciais da Reforma Protestante. Dentre estes, destaca-se o *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), um princípio latino que afirma a Bíblia como a única regra infalível de fé e prática para a Igreja.

O conceito de *Sola Scriptura* defende que a Escritura deve ser interpretada pela própria Escritura. Isso remove a dependência exclusiva de autoridades eclesiásticas falíveis ou tradições humanas que, ao longo da história, muitas vezes se sobrepuseram ao texto sagrado. A essência deste pilar é a convicção de que a autoridade máxima não reside em líderes religiosos, instituições ou concílios, mas na Palavra de Deus revelada.

Historicamente, a negligência deste princípio levou a períodos de obscuridade espiritual, onde a Bíblia foi metaforicamente — e por vezes literalmente — perdida dentro da própria igreja. O resgate da centralidade das Escrituras é, portanto, mais do que um movimento acadêmico ou histórico; é uma necessidade vital para a saúde espiritual de qualquer comunidade de fé. Quando a confiança é depositada em elementos perecíveis, sejam eles recursos financeiros ou estruturas humanas, em detrimento do "Livro", a essência do evangelho se perde.

A teologia cristã, conforme apresentada nas Escrituras, busca um equilíbrio. Não se trata de uma apologia à pobreza franciscana nem à teologia da prosperidade, mas sim a uma "teologia do equilíbrio", onde a posse de bens materiais é permitida, desde que estes não possuam o coração do homem. O foco permanece inalterável: a supremacia da Palavra sobre as moedas e a autoridade divina sobre as construções humanas.

O Paradoxo de 2 Crônicas 34: Quando a Bíblia é Perdida Dentro da Igreja

Um dos relatos mais intrigantes do Antigo Testamento encontra-se em 2 Crônicas, capítulo 34, narrando o reinado de Josias. Este texto apresenta um cenário paradoxal: o Livro da Lei havia sido perdido dentro da própria Casa do Senhor. Durante um período de reformas estruturais e arrecadação de fundos para o templo, o sumo sacerdote Hilquias faz uma descoberta surpreendente em meio ao dinheiro arrecadado.

"Enquanto se tirava o dinheiro que se tinha trazido à Casa do Senhor, o sacerdote Hilquias achou

"o Livro da Lei do Senhor, dada por intermédio de Moisés." (2 Crônicas 34:14)

A narrativa bíblica destaca uma ironia profunda: o objeto mais valioso da fé estava soterrado pelas moedas. Embora as contribuições financeiras sejam legítimas e necessárias para a manutenção da obra e da estrutura física, o perigo reside quando a administração dos recursos ("as moedas") se torna mais prioritária do que a instrução divina ("o Livro"). O texto sugere que, em algum momento da história de Judá, a ênfase na arrecadação ou na liturgia mecânica obscureceu a centralidade da Palavra.

Este fenômeno não é exclusivo da antiguidade. Uma ilustração histórica pertinente envolve Tomás de Aquino no século XIII. Ao visitar o Papa e observar as vastas riquezas acumuladas pela igreja da época, ouviu do pontífice: "Tomás, veja, a igreja já não pode mais dizer como Pedro e João: 'Não tenho prata nem ouro'". Ao que Aquino respondeu com profunda percepção:

"É verdade, Santo Padre. Mas a igreja também já não pode mais dizer ao coxo: 'Levanta-te e anda'."

Essa anedota reflete o perigo de fundamentar a confiança em bens perecíveis. A igreja primitiva, desprovida de recursos financeiros abundantes, possuía autoridade espiritual. Em contrapartida, instituições que acumulam "moedas" mas negligenciam o "Livro" perdem sua essência e poder transformador.

O impacto do reencontro com a Escritura é imediato e visceral. Quando o escrivão Safã lê o livro diante do rei Josias, a reação não é de indiferença, mas de quebrantamento profundo.

"Tendo o rei ouvido as palavras da Lei, rasgou as suas vestes." (2 Crônicas 34:19)

A exposição genuína da Palavra de Deus gera, inevitavelmente, constrangimento e mudança. Se a leitura bíblica em uma comunidade não provoca arrependimento ou revisão de vida, questiona-se se a Palavra está sendo verdadeiramente exposta ou apenas recitada ritualisticamente. O rei Josias compreendeu que a ira divina estava sobre o povo porque seus antepassados não haviam guardado o que estava escrito. O resgate da Bíblia, portanto, não foi apenas um achado arqueológico, mas o catalisador para uma reforma espiritual nacional, provando que no meio dos escombros religiosos e do ativismo institucional, a prioridade deve ser sempre reencontrar e obedecer às Escrituras.

Precursores da Verdade: O Legado de John Wycliffe e Jan Hus

A Reforma Protestante, embora comemorada pontualmente em 31 de outubro de 1517, não foi um evento isolado, mas o ápice de um movimento construído sobre os ombros de gigantes que vieram antes. Estes homens, conhecidos como pré-reformadores, pavimentaram o caminho para o resgate da autoridade bíblica, pagando muitas vezes com a própria vida pela defesa do *Sola Scriptura*.

No século XIV, destaca-se a figura de **John Wycliffe**, um teólogo inglês que desafiou abertamente a estrutura eclesiástica de sua época. Wycliffe opunha-se à noção de que a palavra dos líderes religiosos possuía a mesma valia ou autoridade que as Escrituras Sagradas. Seu lema apologético era claro e intransigente:

"A Bíblia, somente a Bíblia e toda a Bíblia."

Wycliffe sustentava que, por mais elevada que fosse uma autoridade eclesiástica, ela jamais poderia equiparar-se à Bíblia, devendo sempre estar sujeita a ela. Embora tenha morrido de causas naturais em 1384, a perseguição às suas ideias foi tão intensa que, décadas após sua morte, o Concílio de Constança o declarou herege. Em um ato simbólico de rejeição total, seus ossos foram exumados e queimados, numa tentativa fútil de apagar seu legado. Contudo, a definição de heresia — do grego *hairesis*, significando escolha ou facção — foi ironicamente aplicada a alguém cujo único "crime" foi escolher submeter-se exclusivamente à Palavra de Deus.

Influenciado pelos escritos de Wycliffe, surgiu na região da Boêmia (atual República Tcheca) o reformador **Jan Hus**. Ele defendeu com veemência a liberdade de ler o texto sagrado e a supremacia da Bíblia sobre o clero. Sua postura firme resultou em prisão, tortura e, finalmente, condenação à morte na fogueira em 1415.

O relato do martírio de Jan Hus é um testemunho poderoso da fé inabalável nas Escrituras. Diante das chamas que consumiriam seu corpo, Hus não murmurou, mas cantou hinos de louvor, demonstrando que sua confiança não residia na preservação de sua vida física, mas na verdade eterna que defendia.

Antes de morrer, Hus proferiu uma frase que ecoaria através da história como uma profecia cumprida na figura de Martinho Lutero:

"Hoje vocês estão queimando um ganso [Hus significa 'ganso' no dialeto boêmio], mas daqui a cem anos nascerá um cisne que vocês não conseguirão queimar nem calar."

Aproximadamente 102 anos após a morte de Hus, Martinho Lutero pregou suas teses na Alemanha, iniciando a Reforma que mudaria o curso do cristianismo. O sacrifício desses pré-reformadores solidificou o entendimento de que ninguém possui mais autoridade do que a Bíblia; ela é o árbitro supremo, capaz de julgar o profundo e o oculto, permanecendo inalterada enquanto impérios e líderes humanos perecem.

Martinho Lutero e o Confronto com as Indulgências: O Retorno à Graça

A profecia de Jan Hus sobre o "cisne" que não poderia ser calado encontrou seu cumprimento histórico na figura de **Martinho Lutero**, nascido na Alemanha no final do século XV. A atuação de Lutero ocorreu em um cenário de profunda crise moral e teológica na igreja institucional. O Papa Leão X, empenhado na construção da majestosa Basílica de São Pedro no Vaticano, enfrentava orçamentos exorbitantes que demandavam uma arrecadação financeira agressiva.

Para suprir essa necessidade, foi autorizada a venda de indulgências — documentos que prometiam o perdão dos pecados e a redução do tempo das almas no purgatório mediante pagamento. O principal agente dessa campanha na Alemanha foi o dominicano Johann Tetzel, cujos métodos de pregação eram manipulativos e focados na exploração do temor popular. A ele é atribuída a infame frase que sintetizava a teologia mercantilista da época:

"Assim que a moeda no fundo do cofre tilintar, a alma do purgatório saltará."

Lutero, monge agostiniano e professor de teologia, sentiu-se profundamente ofendido por essa comercialização da fé. Ele via uma contradição insuportável: a salvação sendo vendida por moedas, enquanto a graça de Deus deveria ser gratuita. O ponto de virada decisivo ocorreu quando Lutero se debruçou sobre o texto de **Romanos 1:17**. A leitura deste versículo agiu como uma chave que destravou sua compreensão do Evangelho:

"Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé." (Romanos 1:17)

Essa revelação transformou a mente de Lutero. Se o justo vive pela fé, não há necessidade de pagar indulgências para obter o favor divino ou o perdão. A graça de Deus é suficiente, e o sacrifício de Cristo é completo. Movido por essa convicção, em **31 de outubro de 1517**, Lutero fixou suas **95 Teses** na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Entre elas, contestava diretamente a eficácia das indulgências e a autoridade do Papa sobre o purgatório, afirmando que Cristo é o único tesouro da Igreja.

A resposta da hierarquia eclesiástica culminou na **Dieta de Worms em 1521**, uma assembleia imperial onde Lutero foi convocado para se retratar. O clima era de tensão mortal; Lutero sabia que poderia enfrentar o mesmo destino de Hus. Contudo, relata-se que, dias antes e durante o trajeto para a assembleia, inspirado pelo Salmo 46, Lutero compôs e cantou o hino que se tornaria a "Marselhesa da Reforma": *Castelo Forte é o nosso Deus*.

"Castelo forte é o nosso Deus, Espada e bom escudo; Com seu poder defende os seus Em todo transe agudo."

Diante do imperador e das autoridades eclesiásticas, ao ser pressionado a negar seus escritos, Lutero proferiu sua célebre defesa, consolidando o princípio da autoridade bíblica acima da autoridade humana:

"A menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou pela razão clara... A minha consciência é prisioneira da Palavra de Deus. Não posso e não vou me retratar de nada, pois agir contra a consciência não é seguro nem saudável. Que Deus me ajude. Amém."

Lutero não apenas defendeu a Bíblia, mas dedicou-se a traduzi-la para o alemão vernáculo, quebrando o monopólio do latim e permitindo que o povo comum tivesse acesso direto à Palavra. Ele compreendeu que a ignorância bíblica era a ferramenta que permitia a manipulação dos fiéis. Ao colocar a Bíblia nas mãos do povo, a Reforma devolveu à igreja a capacidade de julgar o ensino religioso pelo crivo das Escrituras, libertando-a da tirania das "moedas" e reconduzindo-a à riqueza da Graça.

Aqui está o desenvolvimento do quinto subtópico.

A Centralidade da Palavra no Culto: Superando o Ativismo Religioso

A narrativa da reforma de Josias, onde o Livro da Lei foi encontrado em meio aos escombros do templo, ecoa com força alarmante na igreja contemporânea. O princípio de *Sola Scriptura* não é

apenas uma doutrina histórica para ser admirada em museus, mas uma exigência urgente para a liturgia e a vida comunitária hoje. O perigo atual não reside necessariamente na ausência física de Bíblias, mas na sua irrelevância prática em meio ao "ativismo religioso".

Muitas vezes, o culto moderno torna-se um amontoado de programas, performances e arrecadações — "as moedas" — onde a Palavra de Deus é relegada a um papel secundário ou utilizada apenas como pretexto para validar agendas humanas. O verdadeiro avivamento, contudo, só ocorre quando a Escritura retorna ao centro, não como um amuleto de sorte aberto no Salmo 91, mas como a voz soberana de Deus que instrui, confronta e transforma.

Uma das áreas mais críticas onde essa ausência de centralidade bíblica se manifesta é na adoração musical. O reformador João Calvino e outros pós-reformadores enfatizavam que o conteúdo do canto congregacional deveria ser saturado das Escrituras. No entanto, observa-se hoje uma proliferação de canções focadas no "eu", no sentimento humano ou até em desejos de vingança contra inimigos, em detrimento da exaltação de Cristo e da exposição doutrinária.

"Perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam." (Atos 16:25)

O exemplo de Paulo e Silas na prisão em Filipos demonstra que o louvor fundamentado na Palavra possui poder libertador. Eles não cantavam sobre suas dores ou frustrações, mas entoavam verdades teológicas. Quando a igreja canta a Bíblia, cadeias são quebradas e ambientes são transformados. O analfabetismo bíblico gera uma adoração superficial; o conhecimento das Escrituras gera uma adoração profunda e resiliente.

Além do louvor, o púlpito deve ser o local onde a opinião humana morre e o "Assim diz o Senhor" prevalece. Um púlpito forte não é aquele ocupado por oradores eloquentes ou carismáticos que pregam o que pensam, mas por mensageiros que pregam o que está escrito. O próprio Jesus Cristo, ao ser tentado no deserto, estabeleceu o padrão supremo de combate espiritual e autoridade. Diante das investidas de Satanás, Ele não recorreu à Sua divindade intrínseca ou a argumentos filosóficos, mas à autoridade do texto sagrado:

"Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus." (Mateus 4:4)

O Diabo tenta retirar o crente do campo da Palavra, pois sabe que no terreno das emoções ou da lógica humana, o homem é vulnerável. Contudo, quando o cristão se firma no "Está escrito", ele se coloca sob a garantia do próprio Deus. Superar o ativismo religioso significa, portanto, ter a coragem de parar as máquinas de entretenimento e as engrenagens institucionais para perguntar: "O que a Bíblia diz?". Se a Escritura não for a bússola, a igreja torna-se apenas uma organização social com verniz religioso, desprovida do poder do Evangelho.

O Caráter Transformador e Inerrante das Escrituras Sagradas

A eficácia do *Sola Scriptura* não reside apenas na defesa teológica de um livro antigo, mas na convicção de que a Bíblia é, em sua essência, viva e transformadora. Diferente de qualquer outra literatura, as Escrituras possuem a capacidade intrínseca de ler aquele que as lê. O autor da carta aos Hebreus descreve essa característica com precisão cirúrgica:

"Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para

discernir os pensamentos e intenções do coração." (Hebreus 4:12)

Esta natureza viva da Palavra foi o que sustentou Martinho Lutero até o fim de seus dias. Conta-se que, em seu leito de morte, o reformador experimentou um momento de profunda angústia espiritual, onde o inimigo parecia listar diante dele todos os pecados cometidos ao longo de sua vida — públicos e ocultos. Diante da acusação de que seu destino seria o inferno devido às suas falhas, Lutero não negou seus erros. Em vez disso, ele recorreu à autoridade final das Escrituras, lembrando que, embora a lista de pecados fosse real, faltava nela a verdade suprema registrada em 1 João 1:7: "O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado". Contra a acusação, ele brandiu o "Está Escrito". Onde abundou o pecado, superabundou a graça.

A Reforma Protestante nos legou uma "Igreja Militante" — não no sentido bélico humano, mas espiritual —, armada com a Bíblia erguida. O sonho de ver multidões declarando "Eu creio na Bíblia" reflete o desejo de uma geração que não se envergonha do Evangelho, seja nas universidades, nas escolas ou no ambiente de trabalho. A Bíblia não deve ser deixada nos "escombros" da vida cotidiana, esquecida no banco do carro ou na estante de casa, mas deve ser a lâmpada para os pés e a luz para o caminho (Salmos 119:105).

No Museu da Reforma em Genebra, encontra-se exposta uma "Bíblia Acorrentada". Este artefato histórico simboliza um tempo em que o acesso à Palavra era restrito, e a interpretação era monopólio de uma elite religiosa. A grande vitória da Reforma foi quebrar essas correntes. Hoje, a Bíblia está livre e acessível, o que impõe ao cristão a responsabilidade de ser como os bereanos (Atos 17:11): examinar as Escrituras para verificar se o que é ensinado é a verdade.

O princípio de *Sola Scriptura* liberta o crente de ser refém de homens, de manipulações emocionais e de doutrinas de mercadejo. Quando a autoridade volta para a Bíblia, a igreja deixa de ser um clube de entretenimento e volta a ser a coluna e baluarte da verdade. A grama seca e a flor murcha, mas a Palavra do nosso Deus permanece eternamente (Isaías 40:8). Que em nossos dias, assim como nos dias de Josias, o Livro seja achado, lido e vivido, gerando a verdadeira reforma que começa no coração e alcança a eternidade.

Sola Scriptura | Terça da Parashá com Pr. Adson Belo | Cidade Imafe, <https://www.youtube.com/watch?v=OYLM8BiRDvQ&list=PLZUFk43ApWYvVklUzHZNurneOkJUheVH9>

Documento gerado em 04/06/2026 06:15:26 via BeHOLD